

MANHÃ¹

Tradução: Cleiton Santiago Madruga²

Revisão: Ariel Lara de Oliveira³

Eu, que sempre gostei mais de diversão do que de qualquer coisa, apesar de trabalhar em casa, esperava secretamente ser salvo do ofício por algum conhecido oriundo de terras distantes. Mas, ao ouvir o repentino abrir da porta, acabo franzindo os lábios e as sobrancelhas, ao mesmo tempo em que sinto a expectativa subir pelo peito. Largo o papel de lado e vou ao encontro do visitante.

— Ah... no meio do trabalho, não é mesmo?

— Não, tudo bem.

E então, saio acompanhado dele para me divertir.

Sempre que não consigo me concentrar na escrita, preparo uma sala como oficina em um lugarzinho escondido, desconhecido por todos da casa. Todas as manhãs, por volta das nove horas, minha esposa prepara o *bentô* e, munido deste, parto para a salinha secreta. De fato, quando trabalho por lá, não sou interrompido por nenhum visitante e meu trabalho, como esperado, flui de forma produtiva. No entanto, por volta das três da tarde costumo cansar e ansiar por gente, e, caso já tenha trabalhado o suficiente, encerro o dia e volto para casa. Mas no caminho de volta, não são raras as vezes em que vago até algum bar e acabo por voltar apenas altas horas da noite.

Na verdade, tal lugar é um quarto de uma jovem, que trabalha em um banco em Nipponbashi pela manhã. Após sua saída, vou até lá e trabalho por quatro a cinco horas e antes de ela voltar do trabalho, retorno.

Ela não é minha amante nem nada do tipo. Conheço sua mãe, que por alguma razão agora mora separada dela, em Tôhoku, região nordeste do Japão. De vez em quando, ela

¹ “Manhã” [朝, *Asa*]. Publicado originalmente em julho de 1947, na revista *Shinshichô*.

² Cleiton Santiago Madruga é aluno do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista voluntário do Memorial de Cultura e Imigração Japonesa da UFRGS. Também atua como professor de japonês nos programas vinculados à universidade, como NELE e Idiomas sem Fronteiras. E-mail: <cleiton.madruga@hotmail.com>.

³ Ariel Lara de Oliveira é Mestre em Comunicação e Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como tradutor e professor de língua japonesa. E-mail: <emaildoarieloliveira@gmail.com>.

manda alguma carta pedindo minha opinião sobre um possível pretendente para sua filha. Eu marco um encontro com o candidato, e como se fosse dotado de notório saber, escrevo de volta respondendo: sim, é um bom partido. Aprovadíssimo.

Recentemente, no entanto, a jovem passou a depositar mais confiança em mim do que em sua mãe.

— Kiku-chan! Me encontrei com seu futuro marido.

— É mesmo? Um pouco esnobe ele, não?

— Bom, sim. Mas considere que todo homem parece bobo se compará-lo a mim. Paciência.

— Concordo!

Parecia que ela viria mesmo a casar com aquele homem.

Na noite passada, eu exagerei na bebida. Sendo sincero, todas as noites acabo exagerando na bebida, portanto não era nada fora do comum; mas naquela noite, acabei encontrando um amigo de longa data perto da estação. Decidi levá-lo ao meu bar favorito, e lá bebi muito, quando meu corpo já recusava qualquer gota de álcool, o editor da revista onde trabalho surgiu com uma garrafa de uísque na mão. Após secarmos até a última gota, meu medo de vomitar insistiu para eu parar de beber por ali; porém, este amigo sugeriu outro lugar, querendo retribuir uma outra rodada por sua conta. De trem, fomos até um pequeno restaurante, onde bebemos saquê até, de fato, terminarmos a noite. No momento da despedida, eu mal conseguia caminhar direito.

— Vou dormir aqui hoje. Não consigo caminhar até minha casa. Por favor — disse, ao chegar na casa da jovem. Enfiando minhas pernas dentro do *kotatsu*⁴, dormi encasacado ali mesmo.

No meio da madrugada, de repente, acordei. Só havia o breu. Por alguns segundos, senti como se estivesse dormindo em casa. Movi um pouco as pernas e notei que ainda estava calçando o *tabi*⁵. Droga! Tinha voltado à realidade. Quantas centenas ou milhares de vezes essa situação já havia se repetido?

⁴ *Kotatsu*. Espécie de mesa baixa, com um aquecedor e um cobertor sob o tampo, que impede que o calor se dissipe. Comum em regiões frias. Senta-se com as pernas por baixo da mesa, no chão, onde fica quente e confortável.

⁵ *Tabi*. Espécie de meia, feita de tecido mais resistente e com uma separação entre os dedos, para ser utilizada com calçados tradicionais japoneses, que costumam ter uma alça entre o dedo maior e os demais, para firmar o pé. Costuma ser utilizado mais fora do que dentro de casa, e não é tão confortável como uma meia ocidental, daí a surpresa do personagem por ter dormido com eles.

Suspirei, lamentando.

— Não está com frio? — disse Kiku-chan, no meio à escuridão.

Parecia que ela estava deitada dentro do *kotatsu*, transversalmente em relação a mim.

— Na verdade, não. — Inclinei o dorso e disse: — Posso urinar pela janela?

— Sem problema. É até mais fácil assim, não?

— Você também não faz isso de vez em quando, Kiku-chan?

Levantei e tentei ligar a luz pelo interruptor. Sem sucesso.

— Estamos sem energia... — ela murmurou.

Arrastei-me até a janela e tropecei no corpo dela. Kiku-chan permaneceu imóvel.

— Desculpe... — murmurei como se fosse para mim mesmo, e finalmente consegui afastar as cortinas e abrir a janela. O som característico do jato de água corrente surgiu de mim.

— Aquele livro que está em cima da sua mesa. “A Princesa”, de Clèves, não é? — disse enquanto deitava novamente. — Naquela época, uma dama urinava tranquilamente no jardim do palácio, ou na parte escura de uma escadaria no corredor. Portanto, urinar pela janela é um ato nobre por origem.

— Se quiser beber, tenho saquê. Um nobre costuma beber enquanto deitado, não?

Eu queria beber, mas achava arriscado.

— Na verdade os nobres abominam a escuridão, são covardes. Poderia acender uma vela? Se sim, posso beber sem problemas.

Kiku-chan levantou-se em silêncio.

Uma vela foi acesa. Suspirei aliviado. À luz, eu não ficaria tentado a fazer algo de que pudesse me arrepender.

— Onde devo colocar isso?

— Diz a Bíblia que se deve colocar o castiçal em um lugar algo. Que tal naquela estante?

— Sirvo em um copo?

— Diz a Bíblia que o saquê da madrugada deve ser servido em copo.

Eu mentia. Kiku-chan, rindo, trouxe um copo grande, cheio até a borda.

— Ainda tenho o suficiente para outra dose.

— Não, já é o suficiente — recusei.

Recebi o copo, esvaziei-o e deitei-me novamente de barriga para cima.

— Certo. Acho que é hora de dormir mais um pouco. Boa noite, Kiku.

Kiku-chan também deitou olhando para o teto, mas seu constante piscar de olhos significava que ela não dormiria tão cedo.

Olhei silenciosamente para a chama da vela que estava em cima da estante. A chama se movia como se estivesse viva, ora tornava-se maior, ora menor. Enquanto observava, um certo pensamento flutuou pela minha mente, deixando-me assustado.

— A vela é curta demais, logo o fogo acabará. Não tem uma maior?

— Não, apenas essa — Kiku respondeu.

Fiquei em silêncio, querendo orar para os céus. Ou eu dormia antes da chama da vela apagar, ou ficava sóbrio daquele copo de saquê. Qualquer que fosse o caso, Kiku-chan estava em perigo.

A luz da vela aos poucos estava diminuindo, mas eu ainda não tinha nenhum sono; o efeito do saquê ainda aquecia meu corpo e me deixava cada vez mais audacioso.

Inconscientemente, eu suspirei.

— Por que não tira o *tabi*?

— Por que deveria? — questionei.

— Para se aquecer mais.

Fiz como pedido. Descalcei o *tabi*.

Não dava mais. Se a vela terminasse, seria o fim.

Me preparei para o pior.

A luz esmaeceu, e, como se estivesse agonizando, tremeu para lados opostos. De repente, por um instante, levantou, viva novamente, mas em seguida, com um som tênue, diminuiu, tímida, e desapareceu.

A noite já havia terminado.

O quarto já estava claro.

Eu levantei e me arrumei para retornar para casa.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Manhã. Tradução de Cleiton Santiago Madruga. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 135-138, 2017.